

Cadernos de História
Memorial RS – Centenário de J.P.Sartre
Voltaire Schilling



Governo do Estado do RGS – Germano Rigotto
Secretaria Estadual da Cultura – Roque Jacoby
Memorial do Rio Grande do Sul – Luiz Alberto Gusmão

O Memorial do Rio Grande do Sul publica esta edição especial em homenagem à passagem do Centenário do nascimento de Jean-Paul Sartre, oferecendo ao público uma síntese do pensamento existencialista, bem como, uma crônica da atuação dele como pensador e incansável homem de ação.

I - O Cenário do Existencialismo

O nome de Jean-Paul Sartre, morto em Paris, em 15 de abril de 1980, está umbilicalmente ligado à filosofia existencialista. Na verdade, foi ele quem a universalizou, tornando-a uma espécie de doutrina da liberdade para toda uma geração de europeus, “os homens de 1945”, que sobrevivera às agruras da Segunda Guerra Mundial. Na crise dos valores tradicionais, abalados pela matança e pela crueldade universal, o pensamento sartriano serviu como um farol em meio aos desesperançados escombros da fatídica catástrofe. É perfeitamente natural que, depois que boa parte do mundo se recompôs e a Europa recuperou sua prosperidade, o existencialismo entrasse no seu ocaso.

As duas correntes da filosofia

Se fosse possível reduzir a filosofia ocidental em apenas duas grandes correntes, poder-se-ia afirmar que uma delas seria formada pelas **filosofias-sistema**, isto é, pelas grandes e abrangentes concepções metafísicas que procuram entender o todo existente e colocá-lo dentro de uma só concepção, tal como fizeram Platão, Aristóteles, entre os gregos; S.Tomás de Aquino, entre os cristãos da Idade Média; Descartes na Era da Razão, e Kant e Hegel no mundo moderno.

A outra corrente seria aquela formada pelas **filosofias-da-vida**, não tão ambiciosa como a primeira. Dedicada mais a entender e orientar as atitudes humanas cotidianas, voltada para as preocupações mezinhas do ser, a consolar ou fortalecer o homem atormentado pelos percalços da existência. Nesta última escola, que muito se aproxima da literatura, é que se coloca o existencialismo moderno.

O ser entre a angústia e o projeto

As origens mais remotas desta corrente filosófica estão na obra do filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard (1813-1855), um pensador cristão que se rebelara contra as implicações da filosofia de Hegel. Percebem ela como uma concepção idealista-racionalista que, de alguma forma, mesmo reconhecendo a presença do Espírito Absoluto, dispensava a presença de Deus. Além disso, Kierkegaard reclamou da inexistência, no sistema de Hegel, de um espaço para a subjetividade, um pensar que contemplasse o desespero e a angústia humana (*Frygt og Bæven*, “Temor e Tremor”, 1843).

Na segunda década do século 20, numa Europa que se sentira canibalizada nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, foi a vez de o alemão Martin Heidegger reclamar a necessidade da reintrodução do ser na filosofia (*Sein und Zeit*, “Ser e Tempo”, 1927). Um esforço no sentido de entender o indivíduo e a sua singularidade frente à objetividade dos grandes sistemas, de Hegel ou de Marx. Essa situação requeria, para superá-la, a execução de um projeto: uma estratégia de vida que serviria como roteiro ou bússola num “mundo ausente de Deus”, totalmente descrente nos determinismos da religião ou do estado.

Todavia, nenhum destes “existencialismos” ganhou adesão do público culto, como o do francês Jean-Paul Sartre.



Jean-Paul Sartre

O momento do existencialismo

Com Paris livre dos nazistas desde agosto de 1944 (a Segunda Guerra Mundial encerrada um ano depois, em 1945), a cidade viu-se em meio às intensas polêmicas ideológicas, filosóficas e intelectuais. Reuniam-se, por fim, as condições objetivas para que o existencialismo “explodisse” no cenário parisiense, ganhando parte do mundo a partir dali.

A edição de 29 de outubro de 1945 do *Le Monde* anunciou uma conferência de Sartre intitulada “Existencialismo é um Humanismo”, a ser realizada no auditório das Centrais, na rua Jean-Goujon, nº 8, às 20h30, na qual ele iria expor os princípios gerais da sua filosofia.

O evento provocou extraordinário *frisson* nos meios cultos. “*Tout Paris*” afluiu para assisti-la. Tornou-se um sucesso cultural impressionante, pois provocou atração similar à de um espetáculo esportivo, com sua seqüela de tumultos, pescoções, cotoveladas e cadeiras quebradas. Sartre, ao ver aquilo, chegou a imaginar que era uma manifestação dos comunistas contra ele.

O acontecimento virou uma defesa dele contra os seus opositores e uma explanação didática voltada para a divulgação junto ao grande público. Algo bem mais detalhado do que fizera antes, sobre o mesmo tema, numa carta de 1º de outubro de 1944, dirigida a Jean Paulhan, para responder “O que é o existencialismo?”

Dizia ele na missiva:

“O homem deve criar a sua própria essência; é jogando-se no mundo, lutando, que aos poucos se define...a angústia, longe de oferecer obstáculo à ação, é a própria condição dela...O homem só pode agir se compreender que conta exclusivamente consigo mesmo, que está sozinho e abandonado no mundo, no meio de responsabilidades infinitas, sem auxílio nem socorro, sem outro objetivo além do que der a si próprio, sem outro destino além de forjar para si mesmo aqui na terra.”

Quando a conferência foi publicada integralmente, em 1946, tornou-se o Catecismo do Existencialismo, servindo como uma síntese das idéias essenciais de Sartre.

Em defesa da existência

Desfazendo-se, logo nas primeiras frases, das críticas que católicos e comunistas lançavam contra o existencialismo, Sartre dedicou-se a discorrer sobre o tema da noite. A platéia, umas 300 pessoas num lugar em que cabiam 200, fascinada com sua erudição, transtornada pela emoção do momento, bebia-lhe as palavras. “*A existência precede a essência*” – disse ele – parte da subjetividade de cada um. O homem é o que se lança para o futuro, o que é consciente de se projetar no futuro. Se Deus não existe, pelo menos existe o homem ou a “realidade humana”, como preferia Heidegger.

O homem não é capaz de superar a subjetividade humana, visto que cada um de nós escolhe a si próprio, já que nas escolhas que fazemos nunca decidimos pelo mal, o que escolhemos sempre é o bem. Nada pode ser bom para nós se não o é para todos. Na linha do imperativo categórico de Kant, assegurou que “*meu ato...é uma manifestação universal*”. É o que pretendo que os outros façam e sigam, porque sempre escolho o que me pareceu ser o bem. A responsabilidade de cada um de nós é, portanto, imensa, porque sou responsável por mim e por todos.

Crio uma certa imagem do homem por mim escolhida – escolho o homem. E nesta escolha, torno-me um legislador, o que me traz responsabilidades infinitas. A angústia gerada pela escolha, pela imensa responsabilidade que a liberdade me dá, é, pois, inevitável, mas ela não

paralisa o meu agir. Ao contrário, “é condição da minha ação”, sendo que a sensação de desamparo é decorrente da consciência de que Deus não existe.

Nada me é vedado, “tudo é permitido”. O “homem é livre”... “está condenado a ser livre”. Estamos sós e sem desculpas, pois não estamos sujeitos “ao domínio luminoso dos valores” (religiosos ou ideológicos). O homem, lançado ao mundo, “é responsável por tudo quanto fizer”. Para Sartre, quem deposita a causa da sua ação ou da sua inação num outro, numa força externa, numa entidade, crença ou ideologia, manifesta certamente “má-fé”, que nada mais é senão querer fugir da angústia de ter que escolher, de ter que decidir por si mesmo. Negar a liberdade que se tem é covardia.

Moral da simpatia e do comprometimento

Na concepção do existencialismo há dois tipos de moral. Uma delas é a moral da simpatia, de pura dedicação individual. A outra, todavia, é bem mais ampla e comprometida: é a que envolve as questões sociais ou algo equivalente.

Se os valores são vagos, indefinidos, como poderei me guiar? O que pode me servir de bússola? Em que poderei me apoiar para tomar uma decisão? “*Nos instintos*”, afirmou Sartre categórico. O que importa mesmo é o sentimento. Quando me socorro de um conselheiro (um professor, um confessor), já é uma determinação. Não há nenhum sinal no mundo, não há moral geral que me obrigue a agir deste ou de outro modo.

O futuro “é imponderável e incerto”, dizia Kierkegaard. Não existe destino pré-determinado, nem estrada traçada, antecipadamente, por uma força divina qualquer. Cada um faz o seu próprio caminho, pois o homem antes de tudo é um projeto: “não é senão o seu projeto”. Ele “só existe na medida em que se realiza. Nada mais é do que o conjunto dos seus atos. Nada mais do que sua vida”. Heidegger chamava isso de *Desein* “o ser que tem que se fazer”.

O homem empenha-se na sua vida, desenha o seu retrato, e para lá dele não há nada, nem Deus, nem o Céu. Assim, cada um nada mais é do que uma série de empreendimentos do qual ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem estes empreendimentos. Nada há fora do *cogito* cartesiano!

Atrás da dignidade do Homem

Neste momento, encerrada a digressão, Sartre dedica-se então a arrolar os marcos do existencialismo. O ponto de partida é a subjetividade. O seu propósito é conferir dignidade ao homem, com o objetivo de construir o reino humano distinto do material (dominado pela natureza) e do espiritual (constituído pela religião). Rejeitando as tentações do solipsismo, o existencialismo reconhece a importância do Outro, visto ser o Outro “indispensável à minha existência” (isto levou a que ele se distanciasse da tradição dos filósofos, normalmente hostis a toda a política. Sartre, ao contrário dos seus congêneres, foi um apaixonado pela política exatamente porque ela implicava o comprometimento com o Outro).

Não há natureza humana, mas sim “condição humana”, isto é, um conjunto de limites *a priori* que esboçam a sua situação fundamental no universo.

O que não varia é a condição de o homem estar presente no mundo, fazer parte dele. Pode ter nascido escravo ou senhor feudal, mas jamais abandona sua condição humana de ser-aqui-na-terra. Todo e qualquer projeto é compreensível a qualquer um de nós, pois é sempre universal. O homem é reconhecido pelo projeto. É essa universalidade, o estar-no-mundo, que cria o compromisso, dele, de um homem qualquer, com o restante dos homens. Segundo o Ato Sartriano, todo homem deve procurar um compromisso consciente com a humanidade inteira e com a época em que vive. É seu apelo enfático ao engajamento, que fez com que ele pressagiasse o fim da filosofia, absorvida pela política. O ato público engolfaria a reflexão privada.

O anti-determinismo

A escolha da moral não é um ato gratuito, ela define um compromisso. Quem se refugia num determinismo (obedecer aos dogmas da religião ou de um partido) revela “má-fé”, quer fugir da responsabilidade de assumir seus atos. Deposita em outras forças (Deus, partido, etc...) o que lhe é exclusivo. Para Sartre, os deterministas são “covardes” ou “safados”.

O existencialismo é uma apologia da liberdade. Ela, por sua vez, não tem outro fim senão o de se querer a si própria através de cada circunstância concreta. A liberdade é o fundamento de todos os valores. Todavia, no nosso desejo, no nosso afã por ela, descobrimos que a nossa liberdade depende inteiramente dos outros, o que forçosamente nos obriga ou nos compromete a sempre querer a liberdade dos outros.

Numa adesão aberta a Nietzsche, que por igual desconsiderava “os valores”, afirmou que estes, no fundo, “não são sérios” pois não são escolhidos e sim impostos a nós. Porém, o que colocar no lugar do Deus Pai, suprimido pelo existencialismo ateu? Ora, é preciso que alguém “invente valores”. A vida em si não é nada: cabe dar-lhe um sentido, e o valor não é senão que o sentido escolhido.

O existencialismo é um humanismo

O humanismo clássico, aquele dos gregos e dos renascentistas, tem o homem como fim e como valor superior. Sartre propõe um “humanismo existencialista”, inventado por ele, identificado por estar sempre “fora de si mesmo”, projetando-se ou perdendo-se fora de si, e perseguindo fins transcendentais. Não há outro universo senão o humano ou o da subjetividade humana – isto é o que ele define como Humanismo Existencialista, no qual não há outro legislador senão o homem.

II - Jean-Paul Sartre, o pensador engajado

Nascido em Paris, no dia 21 de junho de 1905, Jean-Paul Sartre foi o mais famoso, odiado e celebrado intelectual francês do século 20. Homem de sete instrumentos. Ao longo dos seus 74 anos de vida, nada que se tratasse das letras lhe foi estranho. Mostrou-se extraordinariamente destro e criativo na filosofia, no ensaio cultural, no artigo político sempre polêmico, na novela, no conto e na peça de teatro. Até roteiros para filmes ele fez. Sartre foi isso e muito mais.

Longe da Torre de Marfim

Avesso à Torre de Marfim, refúgio do escritor de perfil simbolista, hostil ou alheio ao mundo real, quis servir como um exemplo para os intelectuais, estimulando-os a escaparem dos seus gabinetes e bibliotecas. Deviam seguir a tradição francesa de Voltaire, de Victor Hugo e de Émile Zola engajando-se nas coisas do seu tempo, além disso, deveriam participar ombro a ombro com os homens comuns das tragédias, dos dramas e das felicidades da sua época, porque, afinal, “*o lugar do intelectual crítico é o cárcere, o exílio ou o museu. Tem que eleger*”.

Por conseguinte, não lhe ficou mal terem-no batizado de “*o Pedagogo da segunda metade do nosso século*” ou o “Sócrates da nossa época”, dando a todos uma “lição permanente de independência absoluta”. Sartre, ainda que criado como um sedentário em meio aos livros, considerando a biblioteca do seu avô Charles Schweitzer, como um templo, foi, contraditoriamente, a inquietação em forma humana.

Uma filosofia da ação

Ao contrário do que marcava o pensamento existencialista anterior a ele, que defendia uma posição filosófica intimista e subjetivista quase que refugiada do mundo, Jean-Paul Sartre se propôs a assumir a posição de um existencialismo ativo, engajado. Não era para menos. O seu antecessor, e ainda contemporâneo, o famoso filósofo Martin Heidegger, defendera uma filosofia da existência (*Zein und Zeit*, de 1927) numa Alemanha apática e ainda apalermada pela derrota sofrida na Primeira Guerra Mundial, ocasião em que desabara o poderoso IIº Reich, construído por Otto von Bismarck, destroçado nas trincheiras de 1914-18 e sepultado pela Revolução de Novembro de 1918. Toda a expectativa de uma grandeza futura, num repente, desaparecera do horizonte dos alemães.

Ora, o existencialismo sartriano foi forjado em outras circunstâncias. Derrotada a França em 1940 e, em seguida, ocupada até 1944, ele foi a espiritualização da Resistência, movimento, esse, clandestino gaullista-comunista, que se articulou contra a presença nazista durante a guerra.

Por conseguinte, sua reflexão nasceu marcada pelo agir, pela ação e não pela inação, daí ele classificar os intelectuais de “teóricos do saber prático”. Essa definição, colhida do “O Escritor não é político?” resultava de Sartre entender que todo o saber moderno, pelo menos desde a época de Descartes, “é prático” e não mais desinteressado como fora outrora.

Neste afã de tomar a peito as coisas da vida, o homem desejava não mais crer em Deus como propunha Gabriel Marcel, o filósofo cristão, mas ser ele mesmo algum tipo de Deus. É a luta dos franceses pela libertação nacional, que também fará com que se entenda a ênfase que ele depositou na questão da liberdade (palavra chave do existencialismo sartriano) e do engajamento.

Se o homem é livre para escolher o seu caminho e fazer da sua vida um projeto que dê sentido a ela, isto somente pode ser realizado se os seus atos se articularem com os demais. Não há liberdade de um só. É impossível alguém ser livre num eito ou numa caverna habitada por escravos. Por conseguinte, a liberdade de um somente pode ser concretizada obtendo-se a liberdade de todos. Ora, essa conclusão tornava obrigatório o engajamento, participar

ativamente das coisas do mundo. Não é possível alguém se trancar ou fechar-se numa redoma e se desinteressar por aquilo que o cerca. Apesar de ele entender o conflito como permanente na relação humana, sempre inclinada ao fracasso devido à indiferença, o sadismo, o ódio, os desastres do amor, que marcam a frustração dos relacionamentos interpessoais, era imoral voltar as costas aos outros.

Assim sendo, como ele assegurou numa entrevista em 1964, *“A política não é uma atitude que o indivíduo possa tomar ou abandonar segundo as circunstâncias, senão uma dimensão da pessoa. Na nossa sociedade, faça-se ou não política, já se nasce politizado: não pode haver vida individual ou familiar que não esteja condicionada pelo conjunto social de onde nós aparecemos e, por conseguinte, todo homem pode e deve atuar, ainda que seja para defender sua vida privada, sobre os grupos que o condicionam.”* (cit.p/A.Gorri Goñi, 1986, p.131)

As grandes forças da época

Quando a Segunda Guerra Mundial acabou, acirrou-se ainda mais, dentro da França, o antigo litígio filosófico entre o espiritualismo religioso e o materialismo laico, confronto esse que, de certo modo, se arrastava desde antes da Revolução de 1789, dos tempos do Iluminismo. A novidade da década de 40, a versão modernizada da antiga querela entre o sagrado e o profano, é que catolicismo, desta vez, estava sendo desafiado não mais pelo positivismo, como o fora no século 19, mas diretamente pelo marxismo, cujo enorme prestígio derivava da vitória da URSS sobre o nazismo.

O existencialismo, pois, procurou firmar um espaço entre os dois colossos internacionais da época: o catolicismo da Igreja Romana e o materialismo dialético do Partido Comunista de Moscou.

De certo modo, frente àquelas duas potências espirituais e ideológicas com vocação planetária, o existencialismo de Sartre pairou durante algum tempo como legítimo representante de um pensamento francês autônomo que tinha em Descartes um dos seus mentores mais afastados (Sartre sempre insistiu que o seu dito “a existência precede a essência” era tributário do *cogito* cartesiano).

Enquanto o templo católico e a sede do partido, a cruz, a foice e o martelo, o catecismo e o panfleto lutavam pela conquista do coração e da esperança dos franceses, Sartre e sua companheira Simone de Beauvoir, apelidada de Castor (que se tornou célebre por ser escritora e a principal teórica do feminismo do após-guerra), faziam dos cafês de Paris, como o *La*

Coupole ou o *Deux Magots*, as suas casamatas das quais disparavam rajadas intermináveis de artigos a serem publicados nos jornais e nas revistas da época.

Posição independente que lhes valeu serem duplamente censurados: pelos comunistas (missão assumida pelo filósofo marxista húngaro G. Lukács, em 1947) e pelo Vaticano (quando todas suas obras foram condenadas pelo Santo Ofício, em 30 de outubro de 1948).

A “moda” existencialista

O existencialismo virou “moda” entre a classe média mais refinada intelectualmente do após-guerra, visto que não se tratava somente de uma maneira original de o homem ser um descrente em Deus ou um eterno desconfiado dos mandamentos da ideologia. A filosofia de Sartre tornou-se um “modo de vida”, que implicava o abandono de toda subordinação a uma DETERMINAÇÃO qualquer, fosse ela imposta pela religião, Estado, pátria ou partido político. Estimulava, por igual, que seus seguidores procurassem, constantemente, novos valores “inventados” ou “reelaborados”, propondo-se a ensaiar e levar à conclusão uma outra maneira de se conduzir a vida.

A Paris daquela época, entre 1945-1955, durante os anos dourados do casal Sartre-Simone de Beauvoir, tornou-se um tanto quanto a antiga Atenas, quando se deu o desaparecimento de Platão e de Aristóteles, ocasião em que a cidade, dando às costas aos grandes sistemas, por igual viu-se inundada por “filosofias da vida” (ceticismo, estoicismo, hedonismo, epicurismo, etc...). Todavia, Sartre não pôde resistir muito tempo naquela posição equidistante do catolicismo e do comunismo, entre Cristo e Marx, visto que a Guerra Fria se radicalizava e os testes nucleares colocavam o mundo em suspenso. Exemplo disso, desta tomada geral de posições pró ou contra a URSS ou os Estados Unidos, foi o fato de Raymond Aron, colaborador do jornal esquerdista *Combat*, ter-se convertido em colunista do *Le Figaro*, órgão dos conservadores franceses.

O horror boêmio de Sartre à vida burguesa (que fez com que, entre outras atitudes, ele rejeitasse casar-se ou constituir família) e ao capitalismo e a tensão crescente entre as superpotências arrastou-o para assumir posições cada vez mais à esquerda.



Café de Flore, uma das casamatas de Sartre e Simone.

Sartre próximo aos comunistas

Não demorou muito para que ele, que se projetara como o intelectual francês mais famoso da época, praticamente colocasse o existencialismo à disposição do Partido Comunista francês (que também se apresentava ao público como um partido mártir, o Partido dos Fuzilados, referência à participação na luta contra a ocupação nazista).

Concluindo que o cenário filosófico polarizara-se entre o marxismo e o antimarxismo, ele um tanto que satelitizou sua subjetividade deixando-a girar, ainda que se mantendo crítico, na órbita gravitacional do materialismo dialético, fato que o levou a redigir a volumosa *Critique de la raison dialectique* (Crítica da razão dialética) somente aparecida em 1960.

Por outro lado, qual alternativa restava a ele e à *intelligentsia* francesa frente àquela contingência?

André Breton observou, ainda em 1951, que “o estabelecimento de dois blocos antagônicos, cada qual sonhando e planejando a aniquilação do outro e a subordinação de tudo aos seus próprios fins, deixa pouco espaço à liberdade de expressão, no sentido em que sempre foi entendida.”(cit. p/ H.Lottman, p.407).

A peça *Le Diable e le bon Dieu* (O Diabo e o bom Deus), de 1951, talvez seja a mais emblemática da relação de Sartre com o comunismo e com

a causa da revolução. Nela, o personagem principal Goetz (seguramente inspirado na peça de Goethe, *Goetz von Berlichingen*, de 1773), um capitão mercenário que combate na Guerra Camponesa alemã do século 16, inicialmente indiferente às razões da luta, termina aderindo a Nasty, um líder da revolução popular, propondo-se a chefiar o exército dos pobres. Tratou, então, Sartre, de erigir um nicho, um enclave existencialista, no interior do corpo marxista, que, segundo ele, somente desapareceria quando o comunismo retomasse sua vocação humanista. Ainda assim manteve o princípio de que a política de Planejamento Econômico e Social defendida pelos marxistas agredia o seu senso de liberdade pessoal.

Entrementes, Raymond Aron, servindo de contraponto a Sartre, não lhe dava folga. Simpático ao gaullismo, Aron, que fora socialista nos anos 30, proclamando-se “o espectador engajado”, ao contrário do líder existencialista e sem o ardor dele, claramente, optou pela defesa do liberalismo e dos Estados Unidos. Foi visando ao ex-amigo, com certeza, que Aron escreveu seu corrosivo ensaio *L’Opium des intellectuels* (“O ópio dos intelectuais”, de 1955), expondo as ilusões e enganos dos intelectuais esquerdistas.

A tribo existencialista

Sartre, por igual, fez presença pelo seu estilo de viver. Morando em hotéis era um homem livre, totalmente descomprometido dos afazeres gerais da classe média (vida familiar regrada, filhos, propriedades, emprego estável e rotineiro), obediente (ao padre ou ao chefe partidário, confiante no estabelecido), dedicado inteiramente à causa do engajamento, fosse ele a favor ou contra do que fosse. Dedicou-se a ser o executante do seu próprio projeto, aberto a todos os acenos da sociedade do seu tempo.

Não demorou para que seu movimento tivesse uma musa: a cantora Juliette Gréco, símbolo feminino da independência e da juventude sofisticada do *Saint-Germain-des-Prés*. Na constante presença de Sartre e de Albert Camus, freqüentadores da boate *La Rose Rouge*, ela, esguia, toda de preto, interpretava as melodias e as letras dos poetas mais afinados com o que se entendia ser uma estética existencialista. Num certo momento, parecia que a filosofia dele, tendo como base a *Rive Gauche* de Paris, colocara-se “no centro do palco mundial” (H.Lottman, 1987).

Albert Camus, por sua vez, um franco-argelino, autor de sucessos literários como “O Estrangeiro”, “A Peste”, a peça “Calígula” e os ensaios “O Mito de Sísifo”/ “O Homem Revoltado”, durante longos anos, foi muito

próximo de Sartre e de Simone, até que por motivos político-ideológicos se separaram.

Sartre, procurando então ter o seu próprio instrumento de combate que fosse mais eficaz no cenário intelectual francês, um órgão impresso que abrigasse *le flux ininterrompu des mots*, o fluxo ininterrupto das palavras, que saía dele aos borbotões, fundou a *Les Temps Modernes*. Revista mensal que logo ascendeu à posição de ser uma das publicações culturais, literárias e filosóficas mais influentes da França e uma das mais respeitadas pela república internacional das letras.



Albert Camus, companheiro de viagem do existencialismo.

Editada pela Gallimard desde outubro de 1945, tinha no seu comitê de redação - além de Jean-Paul Sartre como seu diretor e fundador - Raymond Aron, Simone de Beauvoir, Michel Leiris, Maurice Merleau-Ponty, Albert Olivier e Jean Paulhan. Muitos deles eram egressos da célebre *École Normale Supérieure*, que diplomava a elite da inteligência humanista francesa, sendo que alguns integravam o que com certa informalidade poderia chamar-se de a linha de frente da “tribo existencialista”.

O existencialismo ganha o mundo

Diferentemente do existencialismo alemão de Heidegger, circunscrito à esfera acadêmica, contido num conjunto de textos cabalísticos de ocasional compreensão (até Sartre confessou: “*Comecei Heidegger e li cinqüenta páginas, mas a dificuldade de vocabulário me desanimou...*”), o existencialismo francês tornou-se muito popular (no Brasil mereceu até uma marchinha de carnaval: a “Chiquita bacana!”, composta por João de Barro, o Braguinha, e A. Ribeiro, em 1949).

Voltou a ler Heidegger de uma maneira curiosa. Aprisionado pelos alemães no campo de Trier, quando a França rendeu-se em 1940, um oficial perguntou-lhe o que desejava. Sartre respondeu: “Heidegger”. Seus captores deram-lhe toda a obra do filósofo que ele, então, se dispôs a enfrentar.

O principal motivo da ampla difusão do existencialismo, tirando-se o clima propício dos anos após-guerra, foi o fato de Sartre saber propagá-lo de maneira clara, quase cartesiana [exceção feita a seu famoso ensaio filosófico *L'Être et le Nean*, o “Ser e o Nada”, de 1943, redigido ainda sob influência do espírito alemão, isto é, ilegível], como se deu com sua famosa conferência *L'existencialisme est un humanisme* (“O existencialismo é um humanismo”, de 1945) que se tornou uma espécie de catecismo da sua filosofia.

Somou-se a isso o fato extraordinário de ele dominar com engenhosa arte outros gêneros, tais como o teatro, a novela, o conto e o ensaio literário ou político, quase sempre em tom polêmico, “de combate”. Os perfis que traçou de personalidades artísticas (Tintoretto) e de outros filósofos e escritores (Nietzsche, Baudelaire, Mallarmé) eram soberbos; alguns deles tornaram-se clássicos da crítica literária e cultural. Definitivamente, conseguiu atingir o que tinha como ambição ao começar escrever: ser Spinoza e Stendhal.

Sartre, autor universal

Por conseguinte, o arsenal de comunicação que tinha à disposição para alcançar o grande público, a inter-relação filosofia-literatura-teatro, era bem mais vasto, rico e diversificado do que qualquer outro homem de letras ou pensador que o antecedeu. Tudo isso contribuiu - aquela torrente sem fim de palavras, imagens e idéias - para fazer dele um nome universal. Tornou-se um autor lido, admirado ou representado em Nova York, Pequim, Buenos Aires, Rio de Janeiro, Berlim ou Moscou, prestígio que fez aumentar ainda mais os

partidários da ESCOLHA contra os que continuavam presos à DETERMINAÇÃO.

Sem nenhuma intenção de diminuí-lo, o nome “Sartre” nos anos 50 e 60, tornou-se uma grife intelectual, tal como “Chanel” e a “Maison Dior” foram símbolos da alta costura francesa e a “Moët Chandon”, da boa champanha.

Qualquer texto que ele escrevesse, a declaração ou entrevista que concedesse, provocava impacto imediato na mídia nacional e internacional. Poucos se negavam a noticiar o que vinha dele ou a ele dizia respeito. Assim, entre os finais dos anos 40 e 60, consagrou-se, tal Albert Einstein ou Bertrand Russell, como uma das “consciências do mundo”.

Sabedor da excepcionalidade que usufruía, evidentemente fez uso dela em favor das causas que abraçou; tornou-se uma revivência de Voltaire. Coerente em seu desprezo pelas instituições, rejeitou receber o Prêmio Nobel de Literatura que lhe outorgaram em 1964, distribuindo o dinheiro recebido entre diversas organizações revolucionárias.

Nos braços da revolta

A simpatia que Sartre devotava ao Partido Comunista francês e à URSS encerrou-se com a intervenção militar soviética na Hungria em outubro de 1956. Com ele, centenas de outros intelectuais franceses abandonaram o barco vermelho. Ajudou-os também na decisão o discurso secreto pronunciado pelo novo secretário-geral Krushev no XXº Congresso do Partido Comunista da URSS, nos começos de 1956, oportunidade em que o líder soviético denunciou os terrores da vida sob a ditadura de Stalin. Contudo, tal frustração não lhe arrefeceu nem a paixão pelo engajamento nem a fixação pelo homem rebelde, o revolucionário, o que pega em armas desejando mudar o mundo (tema que ele abordou no *Nekrasov*). Quem se insurgia, para Sartre, levava a ESCOLHA ao extremo.

A guerra na Argélia (1954-1961), última batalha travada pelo colonialismo francês, mais ainda do que a derrota na Indochina em 1954, dilacerou a França. As denúncias sobre as torturas praticadas pelas forças repressivas da metrópole, contra os árabes insurgentes da FLN (Frente de Libertação Nacional) da Argélia, provocaram calafrios entre os bem pensantes da França.

Católicos como François Mauriac e liberais como Raymond Aron juntaram-se a Sartre na oposição à continuidade daquela guerra inútil que, para eles, expunha a nação dos Direitos do Homem e do Cidadão às suas maiores contradições.

Ao lado dos perseguidos da Terra

Sartre, sempre fascinado e comovido pelo injustiçado, assina o prefácio do livro *Les damnés de la Terre* (Os condenados da terra, 1961), um duríssimo manifesto anticolonialista escrito por Franz Fanon, legitimando a violência praticada contra os europeus, contra o branco opressor dos povos do Terceiro Mundo. Foi um escândalo numa França que vivia nos estertores da Guerra da Argélia. Logo notou que toda a admiração, que seus conterrâneos lhe devotavam enquanto artista, pensador e escritor, desaparecia no momento em que se punha ao lado dos insurgentes árabes (sua mãe foi ameaçada e ele mesmo teve que se mudar em diversas ocasiões perseguido pelos ultradireitistas que prometiam jogar-lhe uma bomba ou surrá-lo).

A seguir, foi a vez da Revolução Cubana (1959-1962) atrair-lhe a atenção, enaltecendo a coragem de Fidel Castro e Che Guevara, em enfrentarem a ditadura de Batista e o poder incomensurável dos Estados Unidos (“Furacão sobre Cuba”, 1960). Depois, empenhou-se por Régis Debray -o jovem intelectual francês, autor do famoso livro *Révolution dans la Révolution* (“Revolução na Revolução”, 1965), uma incitação à guerra revolucionária, que se embrenhara nas selvas da Bolívia para apoiar a guerrilha que Che Guevara, tendo sido encarcerado pelos militares de La Paz, em 1966.

No ano seguinte, em 1967, aceitou participar do Tribunal Russell, instalado na Suécia, para denunciar a crescente intervenção militar norte-americana no Vietnã, o que levou os Estados Unidos ao desastre de 1975.

Maió de 1968

Deu-se então a explosão do Maio de 1968, em Paris, ocasião em que milhares de estudantes secundaristas e universitários, liderados por Daniel Cohn-Bendit, o *Dany le rouge*, a pretexto de uma inconformidade qualquer, que ocorrera na Universidade de Nanterre, saíram às ruas para enfrentar a polícia do gaullismo em crise.

Era o começo da maior revolta popular que a capital francesa conheceria desde os tempos da Comuna, de 1871. O Maio de 1968 iria sepultar o Maio de 1958, ocasião em que o general Charles De Gaulle subira ao poder por meio de um golpe brando tramado contra a IV República Francesa, imperando sobre a V República por dez anos como se fora um presidente coroado.

Em meio às memoráveis batalhas de pedras e paus dos jovens contra as forças da ordem, numa Paris em clima de guerra, dominada por um cenário efervescente e anárquico das universidades ocupadas, em cujos cimos pairavam bandeiras negras, Sartre, com 62 anos, foi levar sua solidariedade à juventude contestadora da França, aderindo aos seus reclamos. Na Sorbone tomada pelos estudantes, num discurso feito em 20 de maio de 1968, conclamou-os a destruírem a universidade assim como ela se encontrava. Viu neles uma boa e salutar maneira de dar uma sacudida nas “flácidas sociedades ocidentais” ou, como Pascal dissera bem antes, de romper com a “inconstância, o tédio e a intranqüilidade”.

O ápice do fervor sartriano pela rebeldia deu-se quando, uns anos depois, ele visitou na prisão de Stuttgart-Stammheim, em dezembro de 1974, o terrorista Andreas Baader, líder da Facção do Exército Vermelho (a gangue Baader-Meinhoff). Condenado a uma longa sentença por inúmeros atos criminosos praticados na Alemanha, na verdade tratava-se de um delinqüente juvenil, um tanto ao estilo do anarquista russo Nechaev, cultor do caos e da desordem, sem nenhum preparo teórico maior e que acabou se suicidando em 1977.

Sartre afirmou que a visita ao encarcerado se dava em nome da solidariedade que um esquerdista deve a outro esquerdista encarcerado, independentemente do que ele possa haver cometido. Não houve canto da terra em que não esteve presente ou se fez representar em favor de alguém preso ou ameaçado de fuzilamento que ele considerasse uma ignomia.

Ainda tratando-se dos episódios de 1968, não deixou de desancar o Partido Comunista francês, que comandara o refluxo das greves dos operários assim que os sindicatos, aproveitando-se do medo em que se encontrava o setor patronal, pelo clima de caos que dominava Paris, obtiveram os aumentos salariais desejados, estigmatizando-o com o panfleto *Les Communistes ont Peur de la Révolution* (“Os comunistas têm medo da revolução”, 1969).



Paris, Maio de 1968.

Aparentemente, consumindo sua racionalidade na busca obsessiva pela revolução que não vinha, Sartre parecia ter-se tornado um possesso ao estilo dos personagens de Dostoievski. Provavelmente, só não se dispôs a jogar bombas para não cair no ridículo de ser apontado como um incendiário senil.

Viram-no, por igual, como a reedição de um Sócrates corrompendo a elite juvenil da cidade, insuflando-a com palavras de ordem, “com venenosos conselhos”, como disse Gabriel Marcel, que consagravam a desordem, a violência e o desatino. Quão distante estava Sartre dos anos 30, quando ele e Simone eram pouco conhecidos professores de filosofia, totalmente indiferentes e desinteressados das coisas da política e do envolvimento nas causas sociais daqueles tempos.

Agonia e morte

Sua agonia final foi atroz. Simone de Beauvoir a descreveu num livro chocante que consternou seus milhares de leitores e admiradores, intitulado *La Cérémonie des adieux* ("Cerimônia do adeus", de 1981). Cego desde os 67 anos de idade pelos excessos de consumo de fármacos energizantes que usou ao longo da vida para poder produzir sem cessar em favor do seu ativismo libertário [era comum ele escrever por 14 horas seguidas], a doença foi matando-o aos poucos, provocando odores fortes, vinda de um corpo que dia a dia se degradava e encolhia.

Ao falecer, em 15 de abril de 1980, no hospital Broussais, em Paris, Sartre já era bem pouco lido e menos visto ainda. Não passava de uma sombra do que fora vinte anos antes, quando sua atuação embaraçava as autoridades e sua coragem e dedicação intelectual arrancavam a admiração até de quem era indiferente ou contra ele.

No dia do seu sepultamento no cemitério de Montparnasse, uma multidão de mais de 50 mil parisienses foram prestar as derradeiras homenagens àquele homem pequenino e feio, mas que fora um dos cérebros titânicos da França contemporânea.

Obras de Jean-Paul Sartre

La Nausée (1938), *Le Mur* (1939), *Les Mouches* (1943), *L'Être et le Néant* (1943), *Huis clos* (1945), *Les chemins de la liberté: L'âge de raison: Le Sursis* (1945); *La mort dans l'âme* (1949), *L'existentialisme est un humanisme* (1945), *Mort sans sépulture* (1946), *La P...respectueuse* (1946), *Qu'est-ce que la littérature?* (1947), *Réflexion sur la question juive* (1947), *Les mains Sales* (1948), *Le Diable et le Bon Dieu* (1951), *Saint Genet, comédien et martyr* (1952), *Les Séquestrés d'Altona* (1959), *Critique de la raison dialectique* (1960), *Les Mots* (1964), *L'idiote de la famille: Gustave Flaubert* (1972).

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola – *Introdução ao existencialismo*. Lisboa: Editora Minotauro, s/d.

ARON, Raymond – *Memórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

BELAVAL, Yvon (dir.) – *La filosofía en el siglo XX*, in *Historia de la Filosofía*. Vol. 10. México; Siglo XXI Editores, 1986.

COHEN-SOLAL, Annie – *Sartre: 1905-1980*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1986.

FURET, François – *O passado de uma ilusão*. São Paulo: Editora Siciliano, 1995.

GERASSI, John – *Jean-Paul Sartre, a consciência odiada do seu século*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, 2 v.

GOÑI, Antonio Gorri – *Jean-Paul Sartre un compromiso histórico*. Barcelona: *Anthropos Editorial del Hombre*, 1986.

LENZ, Joseph – *El moderno existencialismo alemán y francés*. Madrid: Editorial Gredos, 1955.

LOTTMAN, Herbert R. – *A Rive Gauche: escritores, artistas e políticos em Paris: 1930-1950*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

LUKÁCS, Georgy – *Realismo e Existencialismo*. Lisboa: Editora Arcadia, s/d.

ROUBICZEK, Paul – *El existencialismo*. Barcelona: Editorial Labor, 1968.

SEIGEL, Jerrold – *Paris boêmia: Cultura, política e os limites da vida burguesa – 1830-1930*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1992.

THODY, Philip – *Sartre, uma introdução biográfica*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.

TODD, Olivier – *Albert Camus, una vida*. Barcelona: Tusquets editores, 1997.

WINOCK, Michel – *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.